

JUDITH GROSSMANN: UM MAR DE MEMÓRIAS

Antonia Torreão Herrera
UFBa

1. Fragmentos de uma memória

Falar sobre Judith Grossmann é um assombro. Parece que tenho mil coisas a dizer e de repente nada faz sentido dizer porque as palavras deslizam para um lugar impronunciável, para um eco de ressonâncias de coisas vividas, sentidas. O que a memória selecionou não dá conta da experiência, o que a escrita pode abrir em clareira torna-se tão precário que nem jornalista nem historiador ou mesmo escritor poderia pontuar. Restam-me o devaneio, os fragmentos, uma escrita híbrida, sem pejo, sem as rédeas de um estatuto qualquer, mas certamente que não de todo um potro bravio. Por uma questão de método, destacarei momentos.

Primeiro momento: em 1966, deu-se o primeiro encontro, na sala de aula da primeira turma de Letras da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas a ter incluída no currículo a matéria Teoria da Literatura, constante do leque de escolha da lista de optativas do MEC. Um espanto, um encantamento. Poetas americanos, conceitos de literatura, reflexões sobre poesia, literatura. Um mundo a desvendar. Novidades, uma chuva de poesia, de ideias, de método. Um rigor e uma pedagogia amorosa que alargava a compreensão para o que cada um podia dar. Uma percepção singular da vida, do movimento das coisas. Uma verdadeira descoberta para mim. De início, nos elegemos: ela como minha Mestre, eu como aluna predileta. Não há nenhum receio em dizer isso. Foi assim. Pelo meu jeito interativo, servi de comunicação com a turma. Um ano de

Teoria da literatura e daí por diante, todo ano acompanhei os cursos que Judith Grossmann ministrava. Não sei mais discernir o que aprendi.

Por que destaquei que Teoria era uma matéria do leque de escolha? Porque Judith nos conscientizou, a nós, que demos seguimento ao trabalho por ela criado, da importância de consolidar o ensino de Teoria para se fazer necessário na Instituição de Ensino. Ela tinha uma política, uma didática, uma consciência de trabalhador. Essa foi uma grande lição.

Não sei escrever memórias, o desvão é imenso. Passa uma risada, uma voz singular, uma paixão pela arte, pelas palavras, pela língua portuguesa, uma vibração pela vida. Tudo isso está confundido com minha recepção, com meu alento.

Segundo momento: de aluna, sempre aluna, à monitora e em seguida professora. Ela ensinou a fazer ofícios, fazer programas, relatórios, organizar pastas, arquivos, ler, fichar. Ensinou-me com muita sabedoria o sabor da poesia, da criação nas Oficinas de Criação literária. Nem tudo que se ensina a gente aprende. Cada um aprendeu o que pôde. Sei que é muito difícil não ter saudade. Não ter mais a opção de conversar sobre um poema, um título, um assunto ou uma fresta qualquer de nossas vidas. Então este texto é mais saudade que memórias, é mais a emanção de um ano sem ela do que registro dos passos dela por aqui.

Depois ela foi embora para o Rio de Janeiro e, apesar da precariedade do corpo, a cabeça ovalada esteve sempre presente, inteira, lúcida, grandiosa. “Vivo para escrever, ou melhor, enquanto escrevo permaneço viva”, ela me dizia e já nem escrevia, ditava para a acompanhante ao pé do leito e o estilo permanecia refinado e preciso; ela tinha a capacidade de falar como se estivesse escrevendo, fala limpa, correta, fluida. Quando eu precisava fazer uma consulta, pegava o telefone e uma aula acontecia. E sempre tinha um novo poema, chamado fotograma, que ela ditava e pedia que anotasse. Esse *terceiro momento* que se encerrou em 03 de janeiro de 2015.

Agora, o tempo estende as vivências, puxando para o passado pelas reminiscências e para o futuro pelo que podemos construir com as palavras, e, principalmente, pela riqueza de sua obra presente na história da literatura, pela potência do que ensinou, do que disse, do que escreveu, do que construiu, que vem abrindo janelas para nossas reflexões.

2. Reflexões sobre um aprendizado

Falando de Judith Grossmann, estou falando de sua inserção na Universidade Federal da Bahia. Aqui o espaço e o tempo de sua ação pedagógica, humana, seu legado intelectual e afetivo de que estamos tentando fazer um esboço.

De que substância se faz uma Universidade? A esta pergunta tão modelar poder-se-ia responder com um aparato metodológico necessário e oportuno, dando conta de um enquadramento acadêmico, no qual se entrecruzam demandas sociais, tradição cultural, formatadas em currículos e linhas de pesquisa que atendem ao projeto educacional, político e cultural de uma sociedade, no modo como ela se vê, se idealiza. Em se tratando do terceiro mundo, no modo do que ela toma como modelo. Os objetivos de uma educação universitária estão imbuídos de princípios éticos, em prol do desenvolvimento da ciência e das artes, estando, porém numa relação de tensão com a estrutura sócio-política que a mantém, ou seja, no nosso caso, uma sociedade capitalista, neo-liberal, que visa à produção de saber que possa movimentar a demanda da sua máquina.

Quero, todavia, pensar a Universidade no seu ponto de fuga, lá onde o movimento real do saber ocorre como circuito de ideias, sentimentos, reflexões, numa dinâmica própria de corpos que circulam, de buscas e pensamentos que concretizam algo: o ensino, o aprendizado e suas realizações produtivas. A parte real, ou essencial, de alguma coisa é o significado dicionarizado da palavra substância, núcleo da pergunta inicial. E essa parte que faz o todo de uma Instituição de ensino é o professor e o aluno. Do professor, podemos visualizar uma vida que se vive ali, um estar e um ser a receber levas e levas de alunos e alguns discípulos, a circularem nos espaços e no tempo do aprendizado. Já é lugar comum dizer que se aprende ensinando ou, de modo mais criativo, dizer com Guimarães Rosa: *o mestre é aquele que de repente aprende*. Todavia, é importante perceber o movimento sutil que acontece no ensinar-aprender. O valor das perguntas provocando uma resposta nunca dantes buscada. O desafio, a interlocução, os jogos do intelecto, as vaidades, os afetos e desafetos, numa comunidade acadêmica. E o vigor de renovação, a cada novo ano letivo com as expectativas dos calouros. *A lufada da primavera*, disse um dia Judith. E todos nós, uma vida na Universidade!

Quero, ademais, dizer da Universidade no seu espaço de Utopia, onde demolimos velhas estruturas e combatemos a injustiça e colocamos no saber a salvação da humanidade, nosso jardim das delícias, de poesia, doações, de laços intelectuais e afetivos, espaço também de elegias, de desencantos, mas que tem sempre o próximo a segurar a tocha, a empurrar o mecanismo das vidas que ali se agitam, agentes de seus pequenos dramas de existência. E dentre as utopias, o móvel maior, a literatura.

A despeito de todas as metodologias atuais, de todos os mais precisos canais de informação, de todas as navegações internautas, cada um de nós e cada um que chega na Academia estabelece uma relação discípulo - Mestre. Algum nos encanta com seus ideais, seus pensamentos, sua percepção da vida que se infiltra nas lições de língua ou de literatura. Essa relação é fundamental para a disseminação do saber, para a manutenção da vida nas Instituições de Ensino. Talvez nos cursos de Letras, pela lide com ensino de matérias que dizem respeito à expressividade do ser humano, sua língua, sua arte, ao fundamento do homem, sua palavra, sua poesia, essa relação “arcaica” se mantenha tão atual: alguém que nos ensina a ver, a ler, a dizer o mundo, na e pela linguagem. E, no outro pólo, alguém que atualiza e dá continuidade ao que recebeu.

Ainda há na academia, em primeira instância, uma prática milenar de aprendizado oral e mimético, permeado pelo afeto, profícuo e saudável. Em segunda instância, os livros que se lêem e que são dados a ler, como se lê, os pontos de vista que se adotam, e que se propagam. O estilo. Os compromissos. Os recortes. O universo intelectual no qual se interage, as referências, as terminologias, os operadores teóricos utilizados. A escrita se insere numa prática e num aperfeiçoamento – a construção de um discurso e de um artefato verbal, um modo de ser e de agir. A literatura e as demais produções culturais como objetos de estudo são também meios de conexão com um universo de saber, no qual circulam as falas, as assertivas, os conceitos, os poderes, os imperativos da ordem institucional.

3. Nossa herança

Reynaldo Jardim, mentor e editor do Suplemento, convidou a emergente escritora Judith Grossmann para colaborar no periódico. Licenciada em Letras anglo-germânica pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil (atual

UFRJ), Judith dedicou-se a estudar os escritores norte-americanos e ingleses. Para tanto, frequentou diariamente a Biblioteca Thomas Jefferson na Embaixada Norte-americana no Rio de Janeiro, então capital do Brasil. Nomeou, pois, sua seção de *Approach*. Ali fez reflexões de natureza crítica e divulgará importantes nomes da poesia e da prosa norte-americana e inglesa, realizando a tarefa de reproduzir poemas e contos, traduzi-los e comentá-los. Apresentou também sua produção ficcional. Por conta de sua atuação no Suplemento recebeu uma bolsa *Fulbright* para fazer Mestrado em Letras na Universidade de Chicago. Foi nesse Suplemento que, antes de ser colaboradora, estreou como escritora, publicando o conto “Coação”, que depois faria parte de uma Antologia, e foi aclamada como a revelação do ano. Assis Brasil aplaudiu a nova escritora, assim como o fizeram todos no Jornal durante o primeiro ano da seção *Approach*, particularmente por um artigo escrito por Grossmann dedicado a e. cummings.

Vindo em seguida lecionar na Bahia – lugar de paixão e longa morada – a partir de 1964, trouxe na mala grandes livros da literatura ocidental. Ministrou cursos que dizem de seu cânone: De Sófocles a Shakespeare, Ésquilo, Eurípides, Racine, Ibsen, Brecht, Beckett, Ionesco, Artaud e muitos outros dramaturgos. Trouxe na mala grandes livros da literatura ocidental. Ministrou cursos que dizem de seu cânone: De Sófocles a Shakespeare, Ésquilo, Eurípides, Racine, Ibsen, Brecht, Beckett, Ionesco, Artaud e muitos outros dramaturgos. Os poetas modernos, destacadamente Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Mário Faustino, João Cabral de Melo Neto, Joaquim Cardoso, Mário de Andrade, e mais os românticos, Castro Alves e Junqueira Freire, assim como alguns poetas de língua inglesa, a exemplo de Walt Whitman, T.S. Eliot, Pound, e. cummings, Yeats e outros, invadiram as reflexões da graduação, da pós-graduação e das pesquisas realizadas na UFBA. Da narrativa, foram inúmeros os cursos e leituras pontuais, a exemplo de Proust, Zola, Flaubert, Kafka, Thomas Mann, Joyce, Dostoievski, Tolstoi, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Lúcio Cardoso, Virgínia Woolf, Katherine Mansfield, Borges, Júlio Cortázar, Cabrera Infante, Juan Rulfo, José J. Veiga, Mário de Andrade, Samuel Ravet, Osman Lins, a prosa de Jorge de Lima e outros. Essa é parte do elenco, do qual tive oportunidade de,

como aluna e posteriormente docente neófito, acompanhar em seus cursos de Teoria da Literatura, Literatura Dramática, Criação literária e Dramaturgia.

Sob os cuidados da professora e escritora Judith Grossmann, admitida na Instituição para essa finalidade, instalou-se o ensino de Teoria da Literatura na antiga Faculdade de Filosofia Ciências Humanas da UFBA. Em cumprimento dessa missão, ela desenvolveu uma atividade abrangente, criando programas, cursos, desenvolvendo pesquisa sobre a obra de poetas e escritores da contemporaneidade. E fundou uma Oficina livre de Criação literária, ato pioneiro em todo o território brasileiro, depois incluída como disciplina do currículo de Letras com a denominação de Criação literária. Incluiu também, na Escola de Teatro, a disciplina Dramaturgia que correspondia à criação do gênero dramático: peças teatrais e afins e como ensino teórico, a Literatura Dramática. De lá até hoje o ensino e a pesquisa vinculados à matéria de Teoria da literatura tem se expandido e ganhado seus contornos contemporâneos.

O eixo de sua pesquisa era, com efeito, a teoria da arte e do fazer poético, implícita ou explícita nos textos literários. Como leitora arguta, desenvolveu teorias sobre a paternidade do texto e a erótica do texto, na sua fatura artística como em sua elaboração. Ao cruzar conceitos psicanalíticos com leitura de signos verbais, soube fazer pontes metafóricas entre vida e obra, textos e seus intertextos, antecipando diversas estratégias que seriam evidenciadas pelos estudos de Literatura Comparada. O seu lugar de intelectual, escritora criativa, docente e teórico-crítica delimita-se, pois, na interseção do saber e do fazer, tocando sempre na chave mais importante do aprendizado, a zona afetiva que predispõe o coração e o intelecto para receber, reconhecer e redistribuir.

Como se evidencia, o que determina sua abordagem do texto literário é um modo peculiar de ler, uma sensibilidade aguçada para fruir o poético e uma percepção magistral para ver as técnicas envolvidas na estrutura do produto estético. Seguindo uma linha neo-aristotélica que parte do texto criativo para estabelecer a teoria, desenvolve uma prática teórico-discursiva que inova o ensino da literatura em Letras, legado presente nos docentes que ela formou. As mínimas articulações são postas à mostra, fazendo-os ver e sentir numa extensão e profundidade a riqueza das imagens poéticas, o fino delinear de um pensamento expresso esteticamente, as reflexões sobre a própria arte, a interlocução com outros autores, seus pares, o lugar de cada um na literatura, o diáfano

reconhecimento do suspiro intelectual no ato de aprender com o texto literário. E o mais de sua leitura consistia em fazer saltarem do texto verbal os objetos e situações relacionais ressignificadamente, compondo uma feição cultural do universo ficcional, trazendo-os para o entorno dos estudantes, para lhes tornar presente o mundo de signos que os rodeia. Havia um olhar estetizante, mas também um olhar crítico e atuante, de modo a fazê-los refletir, por exemplo, sobre o lápis ou a calça jeans. Compartilhavam-se códigos, pensava-se o mundo, o consumo, os ritos, pela literatura.

A sabedoria de conduzir pela mão seus ávidos alunos no universo poético e filosófico que emergiam de nossas leituras era um descortinar para uma percepção do mundo e de si próprios no ato mesmo de aprender. As marcas, as margens de nossas leituras constituíam uma escrita à parte, por serem tantas as reflexões e interligações feitas e chamadas a fazer. A atividade de criação literária nas Oficinas nos mostrava o ato mesmo de fazer, desmistificando e consagrando o labor artístico, o esforço, a armação que não aparece no objeto pronto, como quando baila uma bailarina e você não vê o calo que lhe vai no pé. O objeto estético tem uma ética de onde resulta seu valor. O esforço, o dispêndio de energia - que não dispensa o *insight*, a aguda percepção e o dom de construir com palavras - se aliam ao jogo, às artimanhas, roubos, mentiras que conformam o real do texto literário.

Aprendíamos a ler a cidade, os passantes, a moda, a reconhecer os rituais que uma sociedade realiza no seu aglomerado social e cultural. Absorvidos pelo fascínio do texto poético, interagíamos com a vida cultural da cidade, cinema, teatro, dança, arquitetura e pintura. O território da sala de aula era delimitado pelo nosso sistema sócio-cultural, mas também era espaço de liberdade, onde fazíamos ir e vir os acontecimentos do cotidiano e das artes nas letras do texto literário. Aprendia-se a viver enquanto se aprendia a ler. Muitos de nós éramos militantes políticos, na época, e os esquemáticos modelos artísticos do realismo socialista, da literatura engajada, não era capaz de dissolver a força sensibilizante do universo literário de um Borges, Thomas Mann, Lispector, Guimarães Rosa ou outros, cujo mundo de representação escapava ao sectarismo e tornava visíveis campos do real vinculados à condição humana, sua capacidade e seu limite de conhecimento.

É dessa experiência que estou a falar, das marcas que ficaram em nós e conseqüentemente nos textos que produzimos, nas orientações que realizamos, nas aulas que ministramos. Quero dizer do papel atuante e decisivo de uma

personalidade de escritor, de docente, de teórico que direcionou programas, linhas de pesquisa, reflexões sobre os estudos literários. Certamente, que bebemos também de outras fontes, e temos, todos que fomos seus alunos e agora somos professores, outras marcas institucionais e pessoais, notadamente oriundas da USP e da PUC do Rio de Janeiro. A marca de pele maior foi, todavia, a de Judith Grossmann, a quem acompanhamos no dia a dia do Instituto de Letras.

Judith Grossmann movimentava o mundo em nossa imaginação, em seu labor constante em seu gabinete (sua cabeça, uma oficina) ou olhando, criativamente, no seu deambular pelas ruas de Salvador, realizando um trabalho de interlocução imediata com os acontecimentos do mundo, por intermédio dos meios de comunicação, respondendo a cada estímulo externo com sua reflexão e sua criação literária. Das janelas e portas por ela abertas atravessamos nós e outros ainda virão. Em sua literatura, escrita mais perene, registrou-se simbolicamente muito do vivido, sentido. Se suas cinzas vogam no Arpoador, as letras grafitadas de sua poesia e de suas narrativas estão e estarão girando e fazendo girar lições e vagas imensas de amorosidade. Judith Grossmann deve estar em várias navegação pela Baía de Todos os Santos, nos Grandes Lagos, em Campos, na Romênia, quiçá em alguma poça d'água. Se todos nós somos compelidos a agir no mundo, aqueles que deixam rastros como sinais expõem ainda seu corpo como letra, e seu espírito paira sob as águas.